

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 18 de novembro de 2015**

*Texto de referência: L. Giussani, Reconhecer Cristo, em J. Carrón,
UMA PRESENÇA NO OLHAR, supl. de Passos, julho 2015, pp. 63-75.*

- *La guerra*
- *Give me Jesus*

Glória

Carrón: Somente na medida da consciência com a qual pronunciamos as palavras que cantamos, podemos considerar certos gestos adequados. Somente quem realmente deu-se conta daquilo que cantamos na primeira canção (“Com minhas mãos / nunca poderei fazer justiça!”), não achou que a segunda, *Give me Jesus* (Dê-me Jesus), fosse sentimental, piedosa, fanática, um elemento decorativo dos nossos gestos que não tem nada a ver com a urgência do momento. No último encontro, introduzindo *Reconhecer Cristo* (que projetamos no sábado à tarde nos Exercícios da Fraternidade), sugerimos olharmos qual é o método de Deus. Qual é a modalidade com a qual posso percebê-lo? A correspondência, que nos permite reconhecer a presença do Mistério. Parece-me que os acontecimentos desta semana foram uma ocasião para fazer a verificação disto, porque não poderíamos imaginar um desafio maior ao método de Deus do que os fatos ocorridos em Paris. Não é que, de um lado está Paris e, do outro, a Escola de Comunidade, como se pudéssemos “discutir a respeito” entre nós sem nos medir com o que aconteceu. Desta vez não foi possível. Não é verdade?

Colocação: *Os fatos que aconteceram em Paris me abalaram muito. Nasceu em mim um terror interior, que tirou o valor das coisas que tinham me acontecido poucas horas antes e das coisas belas que vi e vivi no dia seguinte, até hoje. Estou assustada porque é como se tudo o que tenho diante de mim não tivesse mais sentido: os meus desejos, o meu trabalho, as minhas amizades. O medo da morte imprevista, dar-se conta, como você escreveu no comunicado de CL à imprensa, de que “a vida de cada um de nós está presa por um fio”, não me deixa aproveitar nada destes dias. E penso: como faço para viver as coisas belas, enquanto vejo famílias arrasadas pela morte dos seus entes queridos? E me pergunto: onde está a minha fé?*

Carrón: E o que você respondeu? Onde está a sua fé?

Colocação: *Não sei.*

Carrón: Procure-a! Certos fatos não nos permitem seguir em frente sem nos fazermos estas perguntas radicais.

Colocação: *Faz dois dias que estou inquieta. Dizer que os fatos de Paris me provocaram, é óbvio. O que me surpreende, porém, é que o que prevalece em mim é um incômodo. Ontem, enquanto era bombardeada por comentários, juízos, mensagens, sentia raiva, apenas pensava: chega, façam silêncio! Parecia que tudo o que era dito ou que se pudesse dizer fosse só uma tentativa de preencher um abismo. Tudo parecia ser muito pouco para permitir estar diante de uma coisa do gênero. Fiquei impressionada que no sábado de manhã pensei em rezar as Laudes e o salmo dizia: “Ele não deixa tropeçarem os meus pés, / e não dorme quem te guarda e te vigia. [...] O Senhor é o teu guarda, o teu vigia, é uma sombra protetora à tua direita. [...] O Senhor te guardará de todo o mal, ele mesmo vai cuidar da tua vida!”. E aí explodiu a pergunta: você realmente acredita nisso? Diante daquilo que aconteceu, ainda assim você acredita nas palavras deste Salmo? Essa pergunta me invadiu e voltou no domingo de manhã, durante a missa, enquanto ouvia o Evangelho: “Nenhum fio de cabelo da sua cabeça será perdido”. Fico admirada: foi uma semana em que todo dia tinha sido um passo para o meu crescimento e me sentia viva. Depois, na sexta à noite aconteceu este fato, e não é que colocou tudo em dúvida, porque a única coisa que fiz depois de ter ouvido a notícia foi rezar o Memorare. Porém, fica uma desproporção e um sentimento de impotência. Entendo que o*

ponto é exatamente a resposta àquela pergunta que nasceu em mim no sábado de manhã: a minha fé se mantém mesmo diante de tal terremoto? E o meu cotidiano, o que tem a ver com fatos desse tipo?

Carrón: A fé se mantém diante de fatos do gênero? Porque podemos recitar os Salmos, podemos ir à Missa, podemos cantar, como fizemos antes; mas isso se sustenta diante dos fatos da história? São perguntas que nós mesmos, não apenas os outros, mas nós em primeiro lugar, não podemos evitar.

Colocação: *Noutra noite, ouvindo sobre o que estava acontecendo em Paris, fiquei chocado. A violência gratuita, o fato de que aquilo poderia acontecer comigo ou com algum familiar ou amigo fez com que eu me sentisse impotente. Agora, sei muito bem – porque tanto a história quanto a minha experiência pessoal me ensinaram – que as respostas que eu ou o homem em geral pode dar ao mal são ineficazes, normalmente injustas, e que é preciso que Alguém nos salve. Mas o choque maior diante desse meu pensamento é que a minha fé vacilou. Aquele que nos prometeu a salvação parece que, no fundo, não vence, o mal sempre prevalece (inclusive o meu, normalmente). E então? Ainda temos esperança? A narrativa que Giussani faz apaixonadamente sobre o primeiro encontro com os discípulos que suscitou essa grande esperança de salvação não tem valor, não tem incidência agora?*

Carrón: Como vocês respondem a essa pergunta? Podem fazer essas perguntas e se manterem impassíveis? Nada se rebela dentro de vocês?

Colocação: *A pessoa procura uma resposta.*

Carrón: E, procurando a resposta, lhe vem alguma coisa em mente? Experimente!

Colocação: *Sim. Nestes dias, depois de ter feito essa pergunta não só a você, mas também aos amigos, alguns deles...*

Carrón: O importante é isto: que se desencadeie um caminho. Experimente!

Colocação: *Essa pergunta transformou-se em oração, ou seja, pergunta direta a Ele. Tornou-se urgente, para mim, ter uma resposta. De fato, em mim prevalece esse desejo de bem, de paz, de que tudo seja justo, que finalmente se possa ver – eu chamo assim – o vale onde correm “rios de leite e mel”. E, então, no domingo seguinte fui à Missa um pouco menos sem vontade e menos automaticamente, mais atento. E ali percebi algumas mensagens, como no Salmo: “Levanta, ó Deus, vem salvar teu povo”. Ou no Evangelho, onde Jesus fala sobre o que acontecerá nos últimos dias: “Quando virdes acontecer estas coisas [como aquelas que aconteceram em Paris: terremotos, guerras, rebeliões] sabei que o Filho do Homem está perto, à porta”. Nestes dias, procurei me relacionar mais com Ele, procurei ir à Missa, me confessar... Mas permanece essa pergunta de fundo: quando finalmente seremos salvos?*

Carrón: Tenho certeza de que permanece em você a pergunta de fundo. Por que permanece a pergunta de fundo? Você não achou que conseguiria resolver as coisas assim?! Menos mal que permanece em você a pergunta de fundo! Precisamos olhar para esse fato. Os discípulos, além de pedir, além de perguntar, tinham algo a mais do que um certo tipo de oração de homens religiosos? Uma amiga, diz: “Escrevo de Paris. Obrigada por sua mensagem. Estava me tornando cada vez mais consciente de que a minha vida está presa por um fio. Mas na sexta-feira à noite, enquanto fugia pelas ruas de Paris, isso tornou-se evidente. A verificação a que você nos convida me abre novamente. Tive medo. Tenho medo de senti-lo novamente, mas o desafio que você nos lança de verificação da fé e a realidade da Ressurreição convidam-me a ir a fundo daquilo que acontece”. Porque esta é a questão: qualquer que seja o desafio que precisemos enfrentar nos remete a essa verificação última da fé. Outro amigo, que também mora em Paris, diz a mesma coisa: “Os dias foram marcados profundamente por esses fatos e eu não me vi sem saber o que dizer, mas no máximo dizia frases feitas, um pouco “padrão CL”, porém vazias. Nasceu a exigência de julgar aquilo que tinha acontecido. E me perguntei (a primeira coisa): que promessa de felicidade pode levar um homem a cometer esse tipo de ato? E a segunda: como é possível vencer a tentação do medo que quer se insinuar em mim? Evidenciava-se cada vez mais a necessidade de um significado. É preciso viver de um significado. E este significado, eu o encontrei. Mas visto aquilo que aconteceu, visto o vazio que experimentei, visto o meu mal e o dos outros, vista também a inquietação que experimento há algum tempo, como se faz para reconhecê-Lo presente? Como se faz para reconhecer

Cristo (que é o significado presente)?”. Nós O encontramos, mas quando acontecem fatos como os de Paris é como se esse encontro parecesse vazio, pintado na parede, no ar. Mas outra pessoa pergunta: “Posso reconhecê-Lo de uma vez por todas?”. Diante dessas coisas, dessas perguntas – que não podemos “fechar” acrescentando um teor religioso ou algumas citações, porque não é suficiente –, é total o desafio ao método de Deus e à experiência que nós fazemos no presente. Por isso, a pergunta cada vez mais urgente é: o que vence nessa situação?

Colocação: *“À invasão do poder, que avança aparentemente incontrastável, Cristo não lhe opõe outro poder, mas uma maltrapilha companhia humana, ‘uma companhia de homens’ escolhidos por Ele para que a Sua presença jamais venha a faltar no tempo e no espaço e, com ela, como disse uma vez Giussani com uma imagem estupenda...”*

Carrón: Não uma lembrança, não uma citação, não um pensamento, não um sentimento, mas uma realidade presente.

Colocação: *“vai tomando palmo a palmo o terreno à noite” (J. Carrón, “Sorri em teus olhos a estranheza de um céu que não é o teu”, Passos, novembro2015, p. 18).*

Carrón: “Vai tomando palmo a palmo o terreno à noite”.

Colocação: *Este pensamento me veio em mente especialmente no sábado à noite. Ia de carro para um jantar para cantar. No caminho me nasceu esta pergunta: por que, em um dia como este, nós cantamos? É profundamente injusto. Seria profundamente injusto se o canto não nascesse dessa consciência de quem somos, a “maltrapilha companhia” com a qual Ele “vai tomando palmo a palmo o terreno à noite”. Na segunda-feira de manhã minha rotina recomeçou: ir ao hospital, escrever a tese e fazer as provas com essa nova consciência. Cada passo imperceptível, cada gesto de caridade embora muito pequeno, com o qual possa testemunhá-Lo, será o passo d’Ele através de mim, com o qual disputaremos palmo a palmo o terreno à noite. Diante dessa dor que realmente me toma esse caminho me parece, agora, a única luta adequada. Nestes dias senti-me como os engenheiros e os arquitetos dos quais fala Dom Giussani (cf. Reconhecer Cristo, em J. Carrón, Uma Presença no olhar, op. cit. PP. 64-65). Tentei construir a minha ponte com tentativas inadequadas: lendo mil notícias, mil panfletos e procurando mil discursos. Depois, pensei nestes anos, em todos os meus dias e no rosto dos amigos que já encontrei. Eu já O vi operar. E, por último, somente esse juízo parece dar-me respiro: vem, Senhor, porque não sei construir essa ponte.*

Carrón: Obrigado, caríssima. Não apenas dirigir-se a algo do passado, não apenas uma citação. “Depois, pensei nestes anos, em todos os meus dias e no rosto dos amigos que já encontrei [“maltrapilha companhia”...]. Eu já O vi operar. E, por último, somente esse juízo parece dar-me respiro”. Daqui nasce a oração: vem, Senhor Jesus! Por quê? Porque não é que não há diferença entre as mil notícias, os mil panfletos, os mil discursos (que são as inúteis tentativas de construir uma ponte) e aquela “maltrapilha companhia”! Há alguma diferença? Sim, a diferença não é feita pelas nossas tentativas, mas por algo real e presente. A questão é que muitas vezes, quando acontecem coisas do gênero, é como se esse fato fosse cancelado. Os discípulos tinham alguma coisa a mais? Encontraram algo que não podiam tirar de si não importa o que acontecesse? Ou estavam à mercê de tudo, como todos? Não é um problema de coerência, atenção! Não eram melhores do que nós. Não voltemos à velha ladainha moralista: há alguns bons e outros não. Não é esta a certeza da fé!

Colocação: *No sábado de manhã, quando acordei, estava me preparando porque era o open-day da escola onde trabalho. É um momento importante, então repassava aquilo que iria dizer para introduzir o ano de trabalho dos meninos quando meu marido me contou o que tinha acontecido. Fui olhar na internet porque me parecia tão surreal que queria ver por escrito. Senti-me aniquilada. Pensei: o que vou fazer e dizer na escola? De que adianta se o nada está avançando? Depois, me lembrei dos meninos com quem havia preparado o open-day até o dia anterior, e tínhamos feito um percurso de textos que culminava com a pergunta do pastor de Leopardi: “E eu, o que sou?”. No trabalho, os meninos ficaram tocados pelos autores, surgiram perguntas verdadeiras sobre a vida e seu sentido. No encontro com os textos e seus autores vi emergir a humanidade desses meninos. Para eles, a vida é positiva. Têm uma grande pergunta de sentido, mas o horizonte em que vivem é*

um horizonte positivo e eles têm razão. Quando me ocorreu isso pensei que devia ir à escola para dar apoio a eles, para afirmar a positividade que existe na escola, na educação e no relacionamento que nasce entre o adulto e o jovem, porque intuo que educar na fé é a única urgência para contrastar o nada. Impressiona-me ainda mais que esse meu reconhecimento surge em um momento em que eu não me sinto tranquila, sou fraca na fé e cheia de pensamentos que me confundem. No entanto, tenho certeza daquilo que afirmo agora: a geração de um sujeito novo é a única esperança. Não digo que eu seja capaz, mas fortalecida pela companhia com a qual vivo quero assumir o risco. É o encontro com Jesus que cria essa humanidade nova. Desejo cultivar e servir essa pequena flor, que em comparação com as bombas é nada, porém existe, e não quero fazer como o guarda nazista da história de Morante que depois a esfaleta com os dentes. Desejo continuar agarrada ao reconhecimento da Sua vitória hoje.

Carrón: A tentação de se fazer essa pergunta vem: para que serve fazer as coisas se o nada avança? Se nós ficamos paralisados aí sim é que o nada avança. Mas, graças a Deus, o nada não avança a ponto de nos matar e então a pessoa começa a olhar o que acontece na realidade com os jovens e percebe que deve “ir à escola para dar apoio a eles, para afirmar aquela positividade que existe”. E a pessoa entende o que é pertinente fazer: “Educar na fé é a única urgência para contrastar o nada” que avança. De onde isso nasce? Somente de uma certeza pela qual se percebe que “a geração de um sujeito novo é a única esperança”. Por quê?

Colocação: *Desde setembro, depois de mais de vinte anos dando aulas de grego e latim num colégio particular, fui chamada para dar aulas de italiano e história em uma escola pública. Essa mudança foi muito interessante para mim. Mesmo gostando muito das minhas antigas matérias e da minha antiga escola, quando surgiu a possibilidade da nomeação pensei que tinha terminado um período da minha vida e, com certo entusiasmo, preparei-me para entrar em um novo, que sentia cheio de novidade. O contexto das pessoas com quem convivo agora obviamente é muito diferente de antes. Todos os dias entro em salas com vinte e oito/trinta jovens, muitos dos quais já reprovaram pelo menos uma vez. Normalmente provêm de famílias com situações sociais e culturais de todo tipo. Alguns alunos estrangeiros sequer entendem italiano... Até junho eu era vice-presidente de um grupo de não mais do que uma dúzia de professores, agora sou a mais nova em um corpo de pelo menos oitenta docentes. Se olho para estes meses percebo que foram de uma riqueza única. Dois episódios me tocaram mais. Em uma classe, pedi que os alunos escrevessem uma redação fazendo uma breve descrição de si. Um deles, que já tinha sido reprovado, começou sua redação perguntando-se por que, se o mundo é belo porque é variado, é tão nojento. Depois de uma tentativa de argumentar a sua tese, começou a falar de si como alguém em luta contra todos e contra o mundo e terminou dizendo que somos todos como peças de Lego: pode mudar as cores e as dimensões dos bloquinhos, mas continuamos sendo todos de plástico. A redação me impressionou muito pela lucidez com que o rapaz oferecia seu ponto de vista. Quando devolvi os trabalhos ele não quis saber a nota, mas me perguntou se eu tinha gostado da redação. Essa pergunta me surpreendeu porque, apesar daquilo que tinha afirmado, parecia-me a expressão de uma urgência irreprimível que é a mesma que eu tenho: de ser amado, de encontrar um caminho para ser feliz. Respondi que tinha gostado muito. Depois, perguntei se este ano ele queria tentar verificar comigo que a vida é bela. Para meu espanto respondeu que não acreditava muito nisso, mas que aceitava o desafio. E numa outra turma, depois de um momento em que senti dificuldade em conseguir silêncio, olhei para o aluno que perturbava mais e, ao invés de repreendê-lo pela enésima vez, sorri. E ele, assim que eu sorri, parou e voltou-se para os colegas dizendo: “Vocês viram? A professora gosta de mim”. Essa é a centelha da qual você fala? Acho que sim. Não sei aonde esses “processos” iniciados vão levar, mas essa centelha reacendeu-se antes de mais nada em mim, dei-me conta e tomei consciência dela. Pareceu-me experimentar completamente aquilo que você disse na Jornada de Início de Ano citando Giussani: “A experiência é o impacto de um sujeito com a realidade, a realidade como presença convida-o e interroga-o (‘problematiza’), e a resposta é evidentemente gerada no sujeito. A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que tem dos valores que definem a sua personalidade [daquilo que tem de mais caro]. Ora, estes valores fluem no eu a partir da*

história vivida à qual o mesmo eu pertence. (...) A genialidade radical de um sujeito está na força da consciência de pertencer” (L. Giussani em J. Carrón, “Sorri em teus olhos a estranheza de um céu que não é o teu”, op. cit., p. 20). Foi realmente interessante dar-me conta disso, estar tão sorridente, não ter a preocupação de fazer o discurso correto ou de ter o “relacionamento correto” com os alunos e meus colegas porque carregava uma autoconsciência que toda a minha vida e os relacionamentos que a constituem me levaram a ter. Deparei-me com esta frase que o Papa disse em Washington: “Ide e abraçai no meu nome. Ide pelas encruzilhadas dos caminhos, ide... anunciar, sem medo, sem preconceitos, sem superioridade, [...] a todos aqueles que perderam a alegria de viver, ide anunciar o abraço misericordioso do Pai. [...] Ide anunciar que os erros, as ilusões enganadoras, as incompreensões não têm a última palavra na vida de uma pessoa. Ide com o óleo que cura as feridas e restabelece o coração” (23 de setembro de 2015). Essa frase não era a indicação de um programa a ser feito, mas a confirmação de algo que aconteceu, antes de mais nada, a mim. Em segundo lugar, comoveu-me ver como não existe situação humana, começando pela minha, que não deseje e busque aquele secretum illud do qual fala Dom Giussani e, como todos, de algum modo, tentam construir uma ponte que os conecte àquilo que percebem como a possibilidade, mesmo que remota, de ser feliz. É um caminho que, em primeiro lugar, desejo fazer, porque entendo que isso é possível por causa de uma Presença que acontece hoje, que é a Presença que preciso ver novamente em cada instante, mesmo que um dos sinais que me traz essa Presença agora seja o silêncio que obtenho com mais dificuldade do que há um tempo nas minhas aulas.

Carrón: Este silêncio obtido com dificuldade é uma pequena flor. De resto, até um rapaz com essa consciência aguda (“somos todos de plástico”) não pode evitar perguntar: “A senhora gostou da minha redação?”. E daí nasce a disponibilidade à verificação. Parece nada, mas aqui se joga tudo. É o único realismo possível, como o de João e André. Mas para nós, presunçosos, é muito pouco. E, ao contrário, é exatamente isso que muda tudo.

Colocação: *No sábado, quando li o comunicado à imprensa, experimentei pela enésima vez como aquilo que você nos diz é correspondente à reação imediata que tenho diante da realidade, da qual, depois, me desloco. Fiquei admirada porque tive medo, senti o quanto sou indefesa, mas, no fim, fala-se de outra coisa. No entanto, fiquei muito grata porque sentia novamente o medo, a sensação de ser indefesa como o grande recurso que tinha para dar-me conta de Cristo. Fiquei tão tocada com o comunicado que o enviei em formato eletrônico a todos os meus alunos e a todos os meus colegas. Pouco depois, um colega que é responsável por uma associação esportiva regional me telefona e me pergunta se pode publicar o comunicado no site da associação (e, assim, o seu comunicado chegou a milhares de pessoas que praticam esporte...). Isso me marcou muito porque para mim a Sua presença, quando reacontece, tem um traço inconfundível que me faz dizer “eu”, enquanto todos falam sobre os outros, sobre o que os outros devem fazer, sobre o que é preciso que os outros façam, e se distraem falando de política, que é a antecâmara do esquecimento. E assim, por exemplo, dei-me conta de quanto são abstratos aqueles que pensam ser concretos e quanto, ao contrário, é concreto aquilo que nós, tantas vezes, sentimos como abstrato. Segunda-feira foi realmente impressionante porque, com essa experiência que você me fez fazer e que refletiu desse modo no meu colega, entrei na sala de aula. Nas minhas turmas há cristãos e muçulmanos, por isso o problema é um pouco sério. Entrei em uma classe depois do intervalo e vi quatro de meus alunos sentados: um norte-africano com um italiano e um italiano com um norte-africano. São duas duplas de amigos que são um pouco o coração da classe. E fico impressionada, porque percebo o valor excepcional de método que o seu comunicado tem porque preciso partir daquilo que vejo, e o que vejo é que naquela turma está acontecendo uma experiência de amizade entre eles. Assim, começamos a falar sobre os acontecimentos de Paris e percebi que ler, no início, a primeira parte do seu comunicado, criou logo uma atmosfera de diálogo. Depois, diante de certos alunos que diziam: “É preciso enviar aviões e matar todos eles”, etc, os outros se opunham, mas se opunham levados por aquilo que estavam vivendo na turma. Isso me deixou admirada, porque será que pode haver uma solução para o mundo que não sirva a minha turma? Se não é verdadeira para aquela classe, posso propô-la para o mundo? Era a pergunta que colocava para eles. Um aluno meu,*

muçulmano, a um certo ponto, disse: “Professora, eu só sei uma coisa: em Saint Denis podem até se explodir, mas eu, mesmo querendo não poderia fazê-lo porque sou amigo do meu companheiro de carteira italiano e estou fazendo uma outra experiência. Provavelmente em Saint Denis não a fazem”. E então dei-me conta de que é verdade o que representa uma possibilidade agora. Se não é uma possibilidade agora, é falso.

Carrón: É diante dessas coisas que devemos nos interrogar sobre a consistência ou não do método de Deus, sobre a sua possibilidade de se manter ou não. Porque os testemunhos que escutamos esta noite são fatos, são pequenas flores que parecem nada, mas existem e desafiam a nossa mentalidade mais do que qualquer outra coisa. Por isso não devemos perder essa ocasião, porque a circunstância que estamos vivendo é uma oportunidade; como vocês veem, a questão se elevou do drama pessoal ao drama social; seria realmente um pecado perder essa oportunidade de aprender. Ontem foi publicada a transcrição de uma entrevista radiofônica com uma pessoa que estava no Bataclan e ficou refém dos terroristas durante duas horas e meia. Num determinado momento, o jornalista pergunta: “O que vocês aprenderam com essa coisa terrível que aconteceu com vocês?”. “Que a vida está presa por um fio e que é preciso apreciá-la, e que não havia nada mais sério do que o fato de que ainda estávamos vivos”. “E o que vocês aprenderam com os agressores?”. “Que tinham necessidade de um ideal que o mundo ocidental no qual viviam – já que eram claramente franceses, falavam em francês –, o mundo em que viviam não lhes oferecia. E encontraram um ideal mortal, de vingança, de ódio e de terror [...]. Mas perceberam muito tarde que a vida era importante. E hoje posso dar-me conta de que cada instante que passo com meus pais [...] é uma bênção. Os simples momentos de uma vida fazem parte das coisas mais belas que podemos viver e não nos damos conta disso a não ser quando nos acontecem coisas chocantes como as que vivi. Tenho a impressão de que nasci uma segunda vez e quero fazer as coisas de modo a saborear essa nova vida que me foi dada”. Como dissemos, será que precisamos sempre esperar que aconteçam essas coisas absolutamente dramáticas para nos despertar, para nos darmos conta da realidade? É a pergunta que nasce em todos nós. Os acontecimentos de Paris nos despertaram do nosso torpor e fizeram surgir perguntas que não nos fazíamos há muito tempo. Por isso, esse choque que abalou a todos é uma oportunidade para nós, como demonstra o medo, a desorientação e todas as coisas que ouvimos ou que falamos nestes dias. Uma oportunidade para quê? Como diz aquela pessoa que sobreviveu à tragédia: para dar-mos conta do que é a vida, para vivê-la, nós e os outros precisamos de um significado, de um ideal. Porque não há nada mais sério do que a vida e do que o fato de ainda estarmos vivos. Aquilo que um instante depois, com todos os comentários, colocamos de lado, é a coisa mais evidente: a vida está suspensa por um fio, dependemos a cada instante. São fatos como estes que despertam as perguntas. Mas levá-las a sério é uma decisão nossa, como dizia um amigo francês: “Aqui a urgência é de retomar a normalidade, quanto antes melhor”. Outros me falaram que alguns grupos de pessoas evitam se falar porque, assim, não precisam discutir sobre essa tragédia. Podemos evitar falar ou podemos aproveitar para estar diante dela deixando-nos interrogar até o fundo. Porque é quando alguém se dá conta até que ponto a vida depende de um fio, que descobre a própria impotência e que todos os comentários são tentativas impossíveis de construir uma ponte. E aqui surge a pergunta: nossas tentativas se resumem aos mesmos comentários vazios de sempre ou aquilo que nos aconteceu é de uma natureza diferente? Aquilo que nos aconteceu faz parte desse nada dos comentários ou, embora pequeno, é de outra natureza? A centelha é de outra natureza ou não? Trata-se da primeira questão que deve ser esclarecida a nós mesmos. A nossa “companhia maltrapilha” é de outra natureza ou faz parte do mesmo nada? Em que podemos ver isso? Podemos ver que possui outra natureza nas coisas que nos contamos, como fizemos esta noite. Alguém poderia dizer que são nada em relação às dimensões do drama. Mas também tudo o que diz o Evangelho era nada em relação aos grandes dramas do Império Romano! É aqui que o desafio chega ao seu ápice. João e André ou Zaqueu, ou Mateus, ou a Samaritana: o que significavam em relação à estratégia militar romana? Do mesmo modo, diante da questão levantada pelos atentados de Paris surge a pergunta: a centelha basta? A beleza desarmada é suficiente? Cada um deve levar em conta essas perguntas. Não devemos evitá-las. Porque só assim podemos verdadeiramente perceber a diferença. A nós, o que aconteceu? O que esses fatos, essas pequenas flores – por pequenas que sejam, mas que existem –

documentam? O que João e André documentam? E o encontro de Zaqueu? Aparentemente nada. Na verdade, isso, assim como a amizade na turma entre o norte-africano e o italiano, já é um sinal da vitória que nenhuma guerra e nenhuma violência e nenhum stakanovismo poderiam gerar em nenhuma parte do mundo. Uma amizade. Aceitemos o desafio contra o nosso obtuso pseudorealismo! Porque a resposta às nossas perguntas não é uma resposta intelectual, não são razões abstratas; a nossa resposta, como foi para João e André ou para Zaqueu, é uma presença; a verdade é uma presença que não nos dá todas as respostas, assim como para a criança a resposta para as perguntas é a presença do pai, não que entenda todas as coisas que estão em sua volta: uma presença que tira o medo e, portanto, permite, no tempo, entender. Por isso, uma circunstância assim nos coloca diante do método de Deus e esclarece, como emergiu através daquilo que escutamos esta noite, o porquê de cantar ou de ir à escola ou de fazer um gesto de caridade, todas coisas “normais” através das quais a novidade de Cristo chega às pessoas, sem esvaziar a fé de conteúdo histórico. Porque, senão, a alternativa é: ou a guerra ou o desespero. Mas nós temos outra possibilidade, que não é igual a nada, que contradiz a nossa mentalidade que pensa que se não acontece tudo aqui e agora, é uma derrota. Porque não temos o sentido do tempo! Quando São Paulo escreve a carta aos Filipenses não derrota a escravidão, seriam necessários séculos para abolir a escravidão, mas introduz um princípio, introduz uma verdade, faz nascer um broto que, no tempo, se verificará muito mais potente do que aquilo que nenhum estrategista no mundo podia imaginar. Por isso, é fundamental aproveitar dessas coisas, dessas ocasiões nas quais a nossa fé é colocada à prova desse modo pela realidade. É fundamental porque não nos basta repetir frases, é preciso a verificação. Sem essa verificação não surgirá um sujeito capaz de desafiar o nada que não encontramos apenas naqueles que cometem atos terroristas, mas em todos os lugares. Só assim poderemos entender qual é a nossa tarefa no mundo, o que estamos fazendo no mundo, pela graça que nos aconteceu. É um momento particularmente intenso para nós. Tomara que não o desperdicemos.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá no dia 16 de dezembro, às 21h00. Continuaremos trabalhando sobre a segunda parte de *Reconhecer Cristo*, pp. 75-88 do livreto dos Exercícios.

Discurso do Papa em Florença. Para que todos possam conhecer o discurso do Papa no Congresso Nacional da Igreja Italiana em Florença, fizemos um texto em formato para impressão, que pode ser baixado pelo [site de CL](#). Tenham presente que hoje a carta não é a única modalidade para difundir um texto, como vimos: um e-mail pode alcançar muitas pessoas. Por isso, usemos todos os meios de que dispomos para difundi-lo, inclusive as redes sociais. É um discurso fundamental porque é o testemunho de que existe alguém que acredita no método de Deus. E, talvez, também nós precisemos aprender a acreditar nesse método!

Em um recente diálogo com os responsáveis das diversas regiões ficou claro a importância na vida do Movimento de dois grandes instrumentos que quero sublinhar novamente a todos.

Escola de Comunidade (EdC). Antes de mais nada, a necessidade de um lugar sistemático onde constantemente a vida possa ser julgada, como estamos fazendo esta noite: os problemas, as dificuldades, os fatos que acontecem. A questão é que a EdC se torne realmente um lugar onde a vida é julgada, onde não se fale de outras coisas, não se façam comentários, e os problemas da vida acabam sendo discutidos em outro lugar. É o lugar onde podemos ver o que significa a fé, de que modo o encontro com Cristo ilumina tudo, não resolve todos os problemas, como gostaríamos segundo o nosso modo obtuso de pensar, mas ilumina a vida e nos oferece uma razão adequada para fazer as coisas, sem alarmismos e sem deixar as coisas correrem. Porque somente quando temos essa consciência, podemos chegar a ver o que é preciso fazer. Não é que dizer aquilo que dizemos no comunicado exclua as outras, mas nos ajudam a entender o que é preciso fazer a partir daquela postura, como sempre nos dissemos e como Giussani sempre nos disse: Cristo não veio para resolver

os nossos problemas, mas para nos colocar na postura correta para enfrentá-los. Parece nada, mas é tudo. E é preciso aprender. Só assim podemos, depois, acompanhar as pessoas no cansaço e nas dificuldades que têm. O que há de mais concreto do que este trabalho da Escola de Comunidade?

Caritativa. O segundo grande instrumento nasce da pergunta sobre como podemos aprender a darmos conta da nossa verdadeira necessidade, da necessidade do outro, algo tão fortemente enfatizado pelo Papa em Florença na semana passada, tão atual para o Ano da Misericórdia e para os fatos que estamos vivendo. E essa é a razão pela qual a nossa amizade nos propõe o gesto da caritativa. Grandes e pequenos, interroguemo-nos seriamente: que gesto de caritativa faço? O que a minha comunidade propõe? Perguntemo-nos isso exatamente para não esvaziar o fato cristão da sua densidade histórica, porque através desses gestos passa, como vimos tantas vezes, o olhar novo que Cristo introduziu no mundo. Precisamos ter presentes duas observações. A primeira é que, nos lugares onde vamos (pode ser o Centro para deficientes ao invés do hospital, ou a prisão, ou aulas de reforço) devemos nos ater às necessidades e à modalidade proposta pelo responsável do local. Se num Centro para deficientes nos dizem que precisam de ajuda num determinado dia e horário, devemos decidir se podemos ir ou não, mas não somos nós que decidimos o dia e o horário porque respondemos a quem dirige a obra. Porque essa é responsabilidade deles: dirigir a obra, e nós vamos colaborar para entender as necessidades que temos. A segunda é que a comunidade é o lugar onde nos ajudamos a julgar o significado e a experiência que cada um de nós faz na caritativa, talvez fazendo uma assembleia anual sobre isso.

Digo isso agora porque alguns gestos importantes de caridade nos esperam: a Coleta de Alimentos e as Tendas da AVSI. Depois de trabalhar nelas, poderemos também fazer um encontro perguntando-nos: o que significaram para nós, o que aprendemos fazendo esses gestos? Poderemos, assim, entender o sentido da caritativa, como Dom Giussani nos ensinou e, como vocês veem, é útil tanto para os pequenos quanto para os grandes.

Sábado, 28 de novembro acontecerá o Dia Nacional da Coleta de Alimentos na Itália. Gratos por aquilo que o Santo Padre nos disse no último dia 3 de outubro na audiência com o Banco de Alimentos, desejamos fazer essa experiência convidando os amigos a se envolverem conosco nesse gesto. É importante aproveitar, este ano, do fato de o Papa ter dito coisas belíssimas para difundir o seu discurso a outros amigos com quem fazemos a Coleta, porque se não cuidamos do aspecto educativo, não poderá durar.

Lembro que a arrecadação das Tendas da AVSI deste ano será para os refugiados, como já dissemos no último encontro.

Cartaz de Natal. Aqui está! Kandinsky! *Curva livre em direção a um ponto*. É uma surpresa, como vocês veem, que confunde todos, que fixa a atenção naquele ponto onde tudo nasce. A imagem é para nos ajudar a olhar para lá, para aquele “ponto” decisivo para todos nós. Os textos são estes.

O primeiro é do Papa Francisco: “Por ti, por ti, por ti, por mim. Um amor ativo, real. Um amor que cura, perdoa, levanta, cuida. Quando Jesus entra na vida de uma pessoa, ela não fica detida no seu passado, mas começa a olhar o presente de outra forma, com outra esperança. Começa a olhar com outros olhos para si mesma, para a sua própria realidade. Não fica enclausurada no que aconteceu. E, se em determinados momentos nos sentimos tristes, estamos mal, abatidos, no Seu olhar todos podemos encontrar espaço”.

O segundo é de Dom Giussani: “Deus, o destino, o mistério, a origem de todas as coisas, tornou-se um rosto humano: assim Deus apareceu no mundo. Quem o encontrava dizia ‘Ninguém jamais falou como este homem’, ou ‘Este homem, sim, é que fala com autoridade’. Deus, o mistério, o destino feito homem, torna-se presente agora a mim e a ti, e a todos os homens que são chamados a vê-lo e a dar-se conta, num rosto: um rosto humano novo com o qual deparamos”.

Veni Sancte Spiritus